

## BERNARDO ÉLIS E A IDENTIDADE REGIONAL GOIANA

Nina Borges Amaral (Unicamp)

Maria Betânia Amoroso (Unicamp)

**RESUMO:** Bernardo Élis (1915-1997) foi talvez o escritor goiano de maior projeção dentro e fora de seu estado natal, cuja obra vem sendo classificada pela crítica literária como regionalista desde sua estreia, em 1944. Na literatura, a categoria "regionalismo" se mostra problemática devido ao fato de não haver consenso entre críticos e historiadores literários em relação à definição do conceito, que, além disso, muito frequentemente se afasta de questões estritamente literárias e se apoia muito mais em formulações que derivam do pensamento social sobre as identidades regionais e sobre a relação entre centro e região e os desdobramentos dessa polaridade no Brasil. A fortuna crítica bernardiana, de uma maneira geral, parece reconhecer nessa obra traços da identidade regional goiana e, desse modo, a associa ao regionalismo literário. Porém, a crítica falha ao partir do pressuposto de que a identidade regional existe *a priori* e está dada de maneira natural, quando, de fato, o que se verifica é o oposto. Assim como acontece com as identidades nacionais, também a identidade regional é fruto de uma construção cultural e social da qual participam, dentre outras instituições, também a intelectualidade. Nesse sentido, Bernardo Élis, bem como órgãos governamentais, jornais e revistas locais, e outros intelectuais e figuras públicas goianas, foi também responsável pelo estabelecimento do que passou a se anunciar como a identidade goiana. Este artigo tem por objetivo investigar sobre o papel de Bernardo Élis (seja ele visto como escritor de literatura, seja ele considerado como figura pública e agitador ou incentivador cultural) na construção e consolidação dessa identidade regional através de sua atuação no campo cultural goiano de sua época e, para tanto, destacam-se as análises do conto "Apenas um violão" e da *Revista Oeste*, de cujo corpo editorial Élis fazia parte.

Palavras-chave: Regionalismo. Bernardo Élis. Identidade regional.

Bernardo Élis teve seu primeiro contato com a literatura e a escrita ainda na infância e adolescência, como afirma na entrevista intitulada "A vida são as sobras",

trazida a público em edição da revista *Remate de Males*<sup>1</sup> inteiramente dedicada ao escritor. Tendo escrito durante grande parte de sua vida, suas publicações datam de 1944 a 1987 e se enveredam pela poesia, pela crônica, pelo romance, pelo ensaio, pelo artigo jornalístico, pelo conto - este último abrangendo a maior parte de sua produção. Além dos livros publicados individualmente, quase toda essa obra pode ser encontrada nos raros cinco volumes de sua *Obra Reunida*, de 1987, com exceção dos artigos de jornal, que estão disponíveis para consulta no acervo Bernardo Élis no CEDAE, Centro de Documentação Alexandre Eulálio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Élis morou em Goiás toda sua vida. Nasceu na atual Corumbá de Goiás em 1915, morou na cidade de Goiás durante a juventude e se firmou em Goiânia poucos anos após a fundação da cidade até seu falecimento, em 1997. Foi considerado por muitos como o principal expositor da literatura goiana, "[...] o primeiro autor goiano, depois de Hugo de Carvalho Ramos, a transpor as fronteiras do Estado de Goiás e a transpô-las definitivamente [...]", nas palavras de Zênia de Faria em "Aspectos da recepção crítica da obra de Bernardo Élis" (1985, p. 157). Nesse texto, além de reconhecer o consenso em sua identificação como regionalista, a autora defende que muito se falou sobre Bernardo Élis, mas que também pouco se falou sobre ele. A aparente contradição é esclarecida: muitos foram os críticos que teceram os mais variados comentários sobre seus livros, mas quase nenhum se aprofundou de fato nessa obra a ponto de ultrapassar o fator limitador em que se torna a categoria de regionalismo literário. Valemo-nos, aqui, do termo limitador, pois, para muitos teóricos, críticos e historiadores literários, literatura regionalista equivale a uma literatura menor, que se repete em seus temas e abordagens e que só teria valor quando liberta de sua condição mesma para se tornar universal - sem que nunca saibamos o que viria a ser esse universal.

No artigo "Regionalismos e sociabilidades" (2010), a antropóloga Custódia Selma Sena apresenta um sucinto apanhado histórico das primeiras manifestações literárias que podem ser associadas às raízes do regionalismo: a inspiração vem dos relatos de viajantes do século XIX, dos quais se incorporam ao imaginário brasileiro tanto os conteúdos referidos (que vão constituindo as imagens que compartilhamos das diferentes regiões do Brasil) quanto a forma narrativa, principalmente nessa literatura

---

<sup>1</sup> REMATE DE MALES. Dossiê Bernardo Élis. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 17, 1997. 142 p.

regional. Mesmo anos depois, já distanciada dos relatos de viajantes, essa literatura ainda conservou a pretensão documental de outrora, que até certo momento mostra-se como sendo um dos indicadores de sua autenticidade. Porém, a partir principalmente da consolidação do movimento modernista em São Paulo e da institucionalização das ciências sociais no Brasil, o que antes se caracterizava como um critério de autenticidade passou a ser encarado como um demérito das obras regionalistas, sob alegação de que sobrepunham o retrato social de uma região à função estética, ou seja, sobrepunham o conteúdo à forma.

Segundo ainda a antropóloga Sena (2010), desde o século XIX (e possivelmente antes) a imaginação social brasileira e mesmo nossa experiência de brasilidade gira em torno da imagem e do sentimento de que o Brasil é um país dual. Formulada inicialmente no século XVIII, essa dualidade era compreendida através da oposição entre civilização e barbárie, mas foi, ao longo dos anos, se desdobrando em outros binarismos que se apresentam sob a forma de civilização/primitivo, litoral/sertão, progresso/atraso, tradicional/moderno, sertão/cidade etc. Estabelece-se, assim, uma dicotomia entre centro e região, que se ordenam, nesse sentido, como um par opositivo e cujos desdobramentos trazem todo um aparelho ideológico para o pano de fundo de seu estudo.

O centro, além de deter o poder de sua autorreferência, também detém o poder de interpretação sobre a região<sup>2</sup>. Pensando no caso brasileiro, o centro corresponde às características nacionais, pois é dele que saem os referenciais de Brasil, de um padrão nacional. Desse modo, nação e região são noções que surgem também a partir dessa polarização; a nação estando ligada ao centro do poder, enquanto que a região passa a encarnar tudo aquilo que seja o outro em relação a esse poder central.

### **Regionalismo na literatura**

Passemos a uma breve análise das definições de regionalismo segundo teóricos e historiadores literários na tentativa de compreender como se processou a construção dessa noção.

Lúcia Miguel Pereira e Afrânio Coutinho partem ambos de uma mesma hipótese inicial em suas definições, segundo a qual qualquer obra literária que tenha como pano

---

<sup>2</sup> Assim como acontece em nível global, como aponta Said (2007) sobre a construção da noção de oriente pelo ocidente, o fenômeno se repete em outras dimensões, como no caso regional.

de fundo um local específico poderia ser considerada regionalista (COUTINHO, 1955; PEREIRA, 1988). No entanto, para Afrânio Coutinho, uma obra regionalista autêntica retiraria desse lugar de ambientação sua "substância real", que, nas palavras do autor,

[...] decorre, primeiramente, do fundo natural - clima, topografia, flora, fauna, etc. - como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. (COUTINHO, 1955, p. 146-147)

Ou seja, uma obra verdadeiramente regionalista seria aquela em que seja possível identificar a que região corresponde o ambiente descrito, mas, além disso, em que esteja representada uma sociedade específica, por meio do retrato de seus costumes, de sua fala e de sua cultura. Coutinho, de maneira sutil, também aponta para a predominância de elementos ligados ao mundo físico-geográfico nessas obras, o que apontaria, aparentemente, para a exclusão de uma obra citadina dessa classificação.

Lúcia Miguel Pereira compartilha da mesma hipótese generalista de Coutinho: "Se considerarmos regionalista qualquer livro que, intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais, teremos que classificar desse modo a maior parte da nossa ficção." (PEREIRA, 1988, p.175). Essa afirmação é pautada na predominância, segundo a autora, da observação sobre a invenção no panorama geral da produção literária brasileira, que daria à nossa ficção um caráter muito mais descritivo. Seguindo o mesmo procedimento de Coutinho, Pereira passa, então, a uma redução da hipótese inicial para definir o que corresponderia ao caráter regionalista de uma obra, afirmando que

[...] para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. (PEREIRA, 1988, p. 175)

Pereira, como Coutinho, relaciona o regionalismo com a documentação de realidades, costumes e tipos sociais locais, porém acrescenta a sua definição uma importante observação: de que as obras regionalistas se passam em lugares que não partilhem dos costumes que imprime a "civilização niveladora", que coincide com os

lugares, no país, em que se reconheçam características nacionais. Segundo Adriana de Fátima Barbosa Araújo, para Pereira:

o regionalismo nunca foi a literatura que investiu na descrição de costumes de uma região, mas foi um nome que serviu para abrigar toda produção que não estava em sintonia com a da 'civilização niveladora' (ARAÚJO, 2006, P. 116),

pois,

no pensamento de Lúcia Miguel Pereira, a literatura regionalista evoluiu sempre que investiu em concepções mais universais do homem. Desse modo, para ela, a literatura regionalista cresceu quando abriu mão do localismo em busca do cosmopolitismo. (ARAÚJO, 2006, P. 116)

Outro historiador e teórico literário que trata da questão regionalista é Alfredo Bosi, para quem o regionalismo é um tipo de ficção romântica, que se apresenta sob o título de sertanismo. Segundo Bosi,

[...] as várias formas de sertanismo (romântico, naturalista, acadêmico e, até, modernista) que tem sulcado nossas letras desde os meados do século passado, nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxêrto resulta quase sempre uma prosa híbrida onde não alcançam o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador. (BOSI, 1980, p. 155)

A partir dessa categorização, Bosi passa a considerar o regionalismo como uma expressão literária menor, ainda que afirme que nem toda literatura regionalista tenha se perdido no banal ou no precioso e que reconheça o esforço dos regionalistas em conhecerem a cultura interiorana, optando por não aderirem às modas importadas da Europa pelas elites urbanas.

André Tessaro Pelinser, em "Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo", pondera sobre a postura teórica de Bosi e a questiona:

Cabe considerar, inicialmente, que as próprias ideias de *regionalismo* ou de obras literárias *regionalistas* são veiculadas através de imprecisões conceituais, como se estivessem dadas *a priori* e não necessitassem de maiores explicações. Desse modo, encontramos

posturas críticas de intelectuais renomados como Alfredo Bosi, para quem "os regionalistas típicos esquivaram-se aos problemas universais, concentrando-se na estilização de seus pequenos mundos de província, cujo passado continuava virgem para a literatura brasileira" (1967, p. 56), sem uma sistematização do que vem a ser um "regionalismo típico" ou mesmo os "problemas universais". [...] Ora, os dramas que se propõem a representar os nossos regionalistas, baseados num contexto particularizado com o qual seguidamente travam alguma relação afetiva, seriam forçosamente menos universais do que aqueles de um microcosmo da Rio de Janeiro literalizada por Machado de Assis, para ficar apenas no terreno nacional? (PELINSER, 2010, p. 110)

Pelinsler acrescenta mais adiante em seu artigo, ainda sobre a expressão de que se vale Bosi: "[...] não há qualquer definição do que venha a ser o 'problema universal', que parece exclusividade cidadina [...]. Disto, infere-se, a cidade não representaria um contexto particular, enquanto a região - na qual aquela não se inclui -, sim." (PELINSER, 2010, p. 112). Isto é, a particularidade estaria reservada às obras regionais, enquanto que as obras urbanas ou cidadinas teriam garantido seu caráter universal, mesmo que os termos em que se apresente essa universalidade não estejam dados.

Como pudemos perceber, ao trabalharmos com uma literatura considerada regional, nos deparamos inevitavelmente com a ideia de particular, regional *versus* nacional, universal. As obras consideradas regionalistas o são, pois, segundo a crítica e a teoria literárias, tocam em questões locais, do nível da região e não atingem nem o nacional nem o universal - seriam, portanto, mais restritas. Porém, a partir da análise do quadro mais amplo da literatura brasileira, podemos perceber que as obras que foram consideradas regionalistas são aquelas produzidas fora dos grandes centros de poder, Rio de Janeiro e São Paulo, notadamente. Por outro lado, as obras que versam sobre esses lugares reconhecidamente centrais parecem ter garantida de antemão sua condição de nacional ou de universal.

A tensão gerada pelo emprego dos termos regionalismo, regionalista, regional fica tanto mais clara quanto mais nos aprofundamos no debate sobre esses conceitos. Na literatura, regionalismo é marcado por uma pluralidade de definições e por imprecisões conceituais. Mas o que disso podemos depreender é que tal problemática está intimamente ligada à constatação de que, muito frequentemente, o conceito de regionalismo em literatura parece derivar mais de formulações associadas ao pensamento social brasileiro sobre identidades regionais e menos de questões estritamente literárias, do universo ficcional das obras assim consideradas.

## Bernardo Élis e a identidade goiana

A fim de situar Bernardo Élis nessa discussão, destacamos o trecho a seguir do artigo já mencionado, "Regionalismos e sociabilidades":

Ao contrário dos estudos que definem o regionalismo como uma mera representação ideológica das elites regionais – como se as ideologias das elites regionais não merecessem ser estudadas – entendemos que a construção simbólica da região é parte integrante do fenômeno da região: as paisagens culturais, os espaços morais, as imagens e os emblemas regionais, as crenças e valores locais são realidades simbólicas que transformam, especificando-o, o homem abstrato (universal/nacional) num homem de seu tempo e de seu lugar. A essa especificação chamamos identidade. Por outro lado, do ponto de vista do processo de construção simbólica da região, tanto a literatura regionalista quanto o discurso político, tanto a interpretação histórica quanto a explicação sociológica regional, são, cada um a seu modo, expressões da auto-imagem da região. (SENA, 2010, p. 8)

Se pensar Bernardo Élis é também em alguma medida pensar regionalismo, e, novamente, se pensar regionalismo é pensar identidade, parece frutífero propor uma inversão em relação ao procedimento da crítica: ao analisar essa obra, a fortuna crítica bernardiana reconhece nela traços da identidade regional goiana e, por isso, a associa ao regionalismo literário. O que chama a atenção aqui é que se parte do pressuposto de que a identidade regional já está dada de maneira natural, quando, na verdade, o que se verifica é o oposto. Assim como acontece com as identidades nacionais, também a identidade regional é fruto de um processo de construção cultural, social, histórica da qual participa, dentre outras instituições, também a intelectualidade.

Bernardo Élis acabou por refletir sobre questões regionais em seus textos e foi em parte responsável pelo estabelecimento do que passou a se anunciar como a identidade goiana. Tanto sua literatura quanto seu papel como editor da *Revista Oeste* são indícios da atuação do escritor no campo cultural goiano nesse sentido.

Um primeiro exemplo para defender a hipótese apresentada é o do conto "Apenas um violão", publicado em livro homônimo, de 1984, onde Élis trata da mudança da capital da cidade de Goiás para Goiânia, ocorrida em 1937. O conto retrata o ritmo de vida na antiga sede da capital pouco antes de sua mudança para a recém edificada Goiânia. Na ficção, assim como fora dela, Goiânia passou a representar a promessa de um futuro de modernidade e progresso que seria atingido por meio do

abandono das marcas do passado na sociedade goiana, dentre elas, inclusive, a antiga capital - não é por acaso que muitos moradores da cidade de Goiás migraram para a nova capital em construção, como bem descreve o conto.

Para os historiadores Noé Freire Sandes e Cristiano Alencar Arrais, "[...] a construção da moderna capital sugeria a formação uma nova identidade para a região: iniciava-se assim o questionamento da memória da decadência." (ARRAIS e SANDES, 2014, p. 402). Nesse sentido, a metáfora da construção da cidade de Goiânia é muito significativa historicamente, dado que, com ela, é também reconstruída a identidade goiana, baseada em novos valores modernos.

Também um segundo exemplo da atuação de Élis no campo cultural goiano se articula em torno do símbolo da modernidade goiana, a construção da nova capital, e diz respeito ao papel de Élis como um dos editores da *Revista Oeste*, que circulou de 1942 a 1945. Goiânia, fundada em 1937, foi inaugurada em uma solenidade pública chamada de Batismo Cultural, e é nessa mesma data, 5 de julho de 42, que se publica a primeira edição da revista. Desde seu nascimento atrelada à cidade de Goiânia e seus ideais, a *Oeste* foi um meio através do qual se inventava e articulava uma intelectualidade goiana, principalmente através da literatura. A nova capital e a modernidade por ela sustentada foram o motor da *Oeste*, pelo menos até que o aparelho estatal dela se apropriasse e a transformasse em veículo de propaganda estadonovista.

## Referências

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 28, p. 113-124, jul./dez. 2006.

ARRAIS, Cristiano Alencar; SANDES, Noé Freire. A historiografia goiana entre dois tempos: Goiás e Goiânia. *OP SIS*, Catalão, v. 14, n. 1, p. 399-414, jan./jun. 2014.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa de ficção. *A literatura no Brasil*, v. 2. Rio de Janeiro: São José, 1955.



ÉLIS, Bernardo. *Apenas um violão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Obra reunida de Bernardo Élis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. 5 v. (Coleção Alma de Goiás)

FARIA, Zênia de. Aspectos da recepção crítica da obra de Bernardo Élis. In: 1º SEMINÁRIO DE LITERATURA GOIANA, 1985, Goiânia – UFG, p. 155-169.

PELINSER, André Tessaro. Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo. *Antares*, Caxias do Sul, n. 4, p. 106-120, jul./dez. 2010.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Regionalismo. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SENA, Custódia Selma. Regionalismos e sociabilidades. *O Olho da História*, Salvador, n. 14, p. 1-17, jun. 2010. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/custodia.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2016.